



Cultura do dom

- Eu faço Artes Cênicas.
- Que interessante.... e isso aí é para trabalhar com o quê?

Ou:

- Eu faço Artes Cênicas.
- E você pretende viver do quê?

Ou:

- Eu faço Artes Cênicas.
- Que legal... te vejo na Globo então?!

Essas são algumas respostas que recebo quando digo o que faço da vida. Provavelmente você, leitor, me responderia algo semelhante se viesse a me conhecer. Estou no segundo ano do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unesp. Agora, então, você deve estar pensando: "Mas que menina sem perspectiva! Além de atriz vai ser educadora?". Pois é, eu vou. Um caminho difícil, não impossível, porque eu acredito na arte e na educação.

As respostas mencionadas no início do texto refletem a visão que prevalece no Brasil em relação à arte, mas discorrerei sobre as artes cênicas, afinal de contas é a única área sobre a qual posso falar com certa propriedade.

No nosso país, ser ator não é motivo de muito orgulho, a não ser que você obtenha reconhecimento, ou seja, trabalhe na Globo. Mesmo assim, a linha divisora entre a consagração e o esquecimento total é tênue. Artista aqui é amador, principalmente se for de teatro, afinal teatro é hobby, é lugar de aliviar as tensões. Não se pode, por exemplo, comparar essa bobageira à medicina.

Somos ainda impregnados pela idéia do dom. Para ser ator tem de nascer bom e ponto. Para que técnica? Para que teoria? Afinal, Stanislavisk era só um russo desocupado que ficava teorizando umas besteiradas cênicas de treinamento do ator. Veja lá se ator precisa ter livro para treinamento! Eles vão aprendendo pelos palcos, sets e cidades cenográficas afora, não é verdade?

Claro, não podemos negar que existem pessoas com mais afinidade com os palcos, assim como existe gente com mais afinidade para ensinar, ou para advogar, ou para pilotar aviões, mas nunca vi professores, advogados ou pilotos formados pela "escola da vida". Então, por que com o ator seria diferente?

É verdade que grande parte dos estabelecimentos que contratam atores exigem o DRT, o registro na Delegacia Regional do Trabalho, a "carterinha de ator". O problema é que, assim como a epidemia das "faculdades de esquina", temos a epidemia dos pseudocursos de teatro, que prometem o DRT em 6 meses, ou no máximo um ano. Uma piada.

Popularidade para um ator é de extrema importância. As pessoas precisam apreciar o seu trabalho para que se sintam movidas a assisti-lo novamente, mas, na realidade em que infelizmente me insiro, conquistar popularidade só com teatro é uma árdua empreitada. Lamentável que grande parte dos brasileiros vá tão pouco ao teatro e tenha como ideal de ator os americanos das telonas ou as bonitonas do horário nobre. Nada contra os citados - só acho que os horizontes deveriam ser ampliados. O que acontece é que o buraco é mais embaixo, bem mais embaixo.

Pensemos por alguns instantes: por que será que não somos acostumados a ir ao teatro, concertos ou exposições? Educação é a chave para a resposta.

Temos que parar de enxergar a arte como um grito da alma ou uma terapia. Sim, ela pode desempenhar tais funções, mas não só. Como pode um estudante de Ensino Médio sair do colégio sem saber a importância de um Nelson Rodrigues para o teatro brasileiro?

Já que pouco se sabe, impõem-se ícones. É simples, pergunte a qualquer um quem são os maiores intérpretes do teatro brasileiro. Posso garantir que na maioria dos casos a resposta será: "Paulo Autran e Fernanda Montenegro." Pergunte em seguida: "Mas você já os viu em cena?" Acho que o silêncio irá pairar.

O estudante deve se formar com noções básicas das três áreas para que ele possa ser capaz de freqüentar peças, exposições e concertos. A visão de que aula de arte é para cabular, dormir ou fazer lição de outra matéria tem de ser destruída. Arte é tão importante quanto outras matérias, afinal, em que pretendemos nos transformar? Em máquinas de fazer contas e decorar fórmulas de física ou em seres humanos com sensibilidade e senso crítico? Será que os nossos valores não estão um pouco - ou totalmente - deturpados?

Maria Fernanda Batalha é ex-aluna do Colégio Dante Alighieri (turma de 2005).
Hoje está no 2º ano de Artes Cênicas da Unesp.